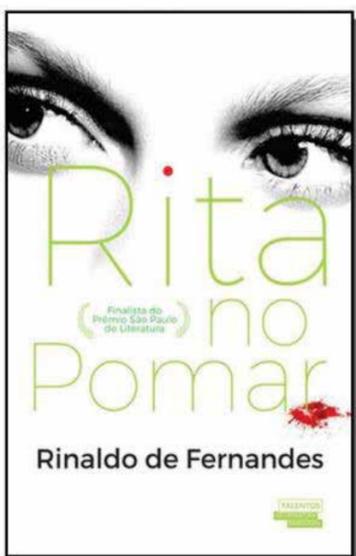




fonte das imagens: Internet

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS EM FESTA

Da 29 de agosto será a posse de Elsior Coutinho, novo ocupante da cadeira 18 da Casa de Antônio Lobo (pág. 4)



Um breve estudo sobre *Rita no Pomar*, romance do maranhense Rinaldo de Fernandes (pág. 2)

Perfil literário da escritora Samira Fonseca, uma das boas vozes de nossa prosa contemporânea (pág. 5)

Memórias Literárias:

Josué Montello - o romancista da saga maranhense do século XX (pág. 3)



EDITORIAL

O número 33 do **Ilhvirtualpontocom** acaba de chegar à tela de seu celular ou de seu computador. Ao folhear estas páginas, você acaba marcando um encontro literário com a memória de Josué Montello, com *Ângulo noturno*, o livro de estreia do poeta Déo Silva, com o romance *Rita no Pomar*, de Rinaldo de Fernandes, com a necessidade de frequentar o teatro e com muitos outros assuntos.

Nesta edição também estão reproduzidos o edital do Concurso Literário da AMEI e os parágrafos iniciais do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Além disso há muitas outras informações sobre nossa cultura. Esperemos agora o trigésimo quarto número deste mensário que tenta mostrar um pouco de nossa cultura.

Não custa lembrar que este informativo não tem fins políticos, lucrativos e/ou comerciais e que está sempre de braços abertos para receber seu texto, seja ele conto, poema, resenha, sugestão de leitura

ou de pauta. Caso queira anunciar o lançamento de seu livro ou de seu evento, pode ficar à vontade. Como foi dito antes, este projeto não tem interesse financeiro, então seu evento, livro, DVD, CD, performance, peça teatral, etc. será divulgado sem custos ou qualquer outro tipo de barganha. O espaço é de todos e para todos.

No ar desde o ano de 2011, o **Ilhvirtualpontocom** circula apenas de forma virtual, em PDF, e pode ser compartilhado com seus amigos e grupos que apreciam as letras do Maranhão. O objetivo maior é e sempre será oferecer um conteúdo isento de partidarismos e no qual as artes sejam fator de união, reflexão e diversão.

Boa leitura e até a próxima edição.

RITA NO POMAR DE SEUS (DIS)SABORES

Conheça o instigante romance de Rinaldo de Fernandes, um dos mais importantes nomes da literatura brasileira contemporânea

Há inúmeras formas de contar a mesma história. Os escritores, pelo menos em teoria, são pessoas privilegiadas que encontram nas infinitudes de tessituras possíveis aquela que traduz da maneira mais artística possível aquilo que foi imaginado ou que foi vivido e agora retorna em forma de ficção. Os bons escritores, por sua vez, são seres ainda mais privilegiados, pois conseguem eliminar uma gama de possibilidades narrativas e se concentram não em apenas contar um fato, mas em tirar dele detalhes que casam com as expectativas de leitores que não se contentam tão somente com o alinhavo de uma história bem contada, mas que também exigem que esses fatos sejam costurados com a maestria e a perícia dos grandes artesãos.

Um desses bons escritores que, embora venha construindo uma premiada carreira literária, ainda não tem seu nome divulgado com o merecido destaque, esteve recentemente no Maranhão, que por sinal é sua terra natal, e aqui fez o lançamento do seu romance *Rita no Pomar* (Editora Novo Século, 2017). Trata-se de uma narrativa de quem tem domínio não apenas das teorias narrativas, mas também das técnicas ficcionais que fazem o leitor ficar preso à obra do começo ao fim da narrativa. O autor é o professor, crítico e prosador Rinaldo de Fernandes, um maranhense radicado na Paraíba e que vem se destacando como um dos mais promissores homens de letras deste começo de século XX.

Perseguida pelo próprio passado, sem coragem de confiar em mais ninguém, a protagonista-narradora sente necessidade contar seus anseios, mas sabe que falar do passado é abrir chagas que talvez nunca cicatrizarão e que talvez ela mesma não queira que cicatrizem, mas faz questão de esconder dos olhares inquiridores das pessoas que surgem praticamente do nada e começam a fazer parte de sua vida mesmo quase sempre contra a sua vontade. Para quem contar então os tantos dissabores que lhe foram reservados pela vida? O marido, a mãe, o namorado, o patrão, a empregada da mãe e todas as outras pessoas com quem Rita cruza em sua jornada parecem merecer fazer parte de seus segredos, mas nenhuma é digna de penetrar nos recônditos de seus sofrimentos. Restam então como silenciosos confidentes seu diário onde registra parte de sua vida, os pequenos contos de viés autobiográfico nos quais expõe flashes de seu cotidiano e seu ouvinte-mor, o

cachorro Pet, que, ora atento, ora distraído, ouve todas as angústias de sua dona.

Escritor experiente, Rinaldo de Fernandes constrói uma lúcida narrativa em que a protagonista tem consciência do que pode e do que não pode contar e até onde deve chegar em cada um dos trinta e quatro breves capítulos que compõem o livro. Como em um quebra-cabeça, os mistérios vão se descortinando pouco a pouco e em cada passagem Rita se desnuda um pouco mais aos nossos olhos, deixando o leitor entrar em contato com suas intimidades e com os segredos que guarda trancados no inexpugnável cofre chamado memória. O leitor, assim como o cãozinho Pet, vai descobrindo aos poucos a intrincada personalidade de Rita, uma personagem esférica que cada vez que se mostra um pouco, leva o leitor à reflexão e a constantes indagações acerca do passado e das motivações que levaram aquela mulher a deixar o jornalismo e as revisões de textos para viver em um lugarejo distante, sem família, exercendo atividades braçais e subalternas.

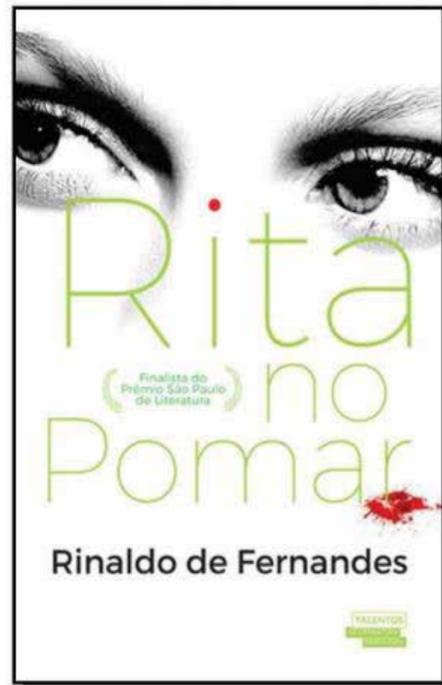
O pomar, local onde a personagem se sente muito à vontade, em uma leitura paralela, torna-se uma bela metáfora da própria vida de Rita. É um lugar verdejante, cheio de frutos, mas ao qual quase ninguém tem acesso. As frutas, assim como os trechos da história da protagonista, apodrecem e somem sem que as demais pessoas possam aproveitar tantos sabores, mas aproximam-se o suficiente para sentir o sufocante odor de algo que acaba fazendo parte de um incômodo desconhecido. Rita não sente medo do hipotético fantasma que “protege” o pomar da exploração das demais pessoas da região. Isso ocorre não por ela ser da cidade grande, por haver estudado ou por ser cética, mas sim, por ela ser obrigada a passar tanto tempo cercada pelos próprios fantasmas, que são alimentados cotidianamente pelos frutos de uma verborragia que mais esconde do que mostra, mas que nesse esconder revela tantos segredos.

Como todo bom narrador, Rinaldo de Fernandes trabalhou com cuidado tanto com início quanto o desfecho da obra. A última página elucida toda a trama e faz o leitor dividir-se entre inúmeros sentimentos com relação a Rita, e a frase final do romance r e v e l a

nuances inimagináveis para uma personagem que acabou se despidendo diante do leitor, do cãozinho Pet e de si mesma.

Para terminar o livro, o autor acrescentou uma fortuna crítica sobre a obra. Renomados nomes da crítica nacional, como, por exemplo, Silvano Santiago deixam sua impressão sobre o romance e comentam aspectos que podem passar despercebidos ao leitor iniciante ou que leu o livro com muita pressa ou paixão.

Realmente, há inúmeras formas de narrar uma história. E Rinaldo de Fernandes ajudou Rita a contar a sua com o primor característico dos grandes cultores das letras. Em suma, o livro é um belo e saboroso fruto colhido do pomar de um escritor que faz de seu estilo de escrita um presente para seus leitores.



UM POUCO SOBRE RINALDO DE FERNANDES

Nascido na cidade de Chapadinha/MA, em 16 de abril de 1961, RINALDO DE FERNANDES é doutor em Letras pela UNICAMP e professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal da Paraíba. É também romancista, contista, cronista, articulista, ensaísta e antologista. Seja como pesquisador, seja como ficcionista, nas duas últimas décadas, Rinaldo de Fernandes vem se tornando um dos nomes mais representativos das letras brasileiras contemporâneas.

OBRAS: Contos: *O perfume de Roberta* (2005), *O professor de piano* (2010), *Confidências de um amante quase idiota* (2012); **Romances:** *Rita no pomar* (2008), *Romeno na estrada* (2014); **Organização de livros:** *O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões* (2002), *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro* (2004), *Contos Cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (2006); *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (2006); *Capitão mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (2008); *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos – ensaio sobre a mulher, o pobre e a repressão militar nas canções de Chico Buarque*. Além dessas obras, Rinaldo de Fernandes tem vasta produção intelectual em jornais e em sites da internet.

Expediente

Ilhvirtualpontocom é uma publicação independente que tem como objetivo divulgar a cultura maranhense

Editoração eletrônica: José Neres
Revisão Final: Gabriel Barros Neres

Textos desta edição:
José Neres
Gabriel Barros Neres
Linda Barros
Maria Firmina dos Reis

Artigo de

JOSÉ NERES,
professor, escritor e
membro da Academia
Maranhense de Letras
e da Sobrames

JOSUÉ MONTELLO

por: José Neres

O dia 21 de agosto é uma data especial para todas as pessoas que gostam de literatura e que admiram a produção literária de um dos mais profícuos intelectuais maranhenses de todos os tempos. Foi nesse dia, em 1917, que nasceu, na Rua do Sol, na casa 119, uma criança que, alguns anos depois, iria tornar-se uma das mais expressivas personalidades das letras brasileiras: Josué de Sousa Montello.

Filho do casal Antônio Bernardo Montello e Mância de Sousa Montello, o garoto, que começou seus estudos na Escola-Modelo Benedito Leite e fez os estudos secundários no Liceu Maranhense, sempre foi reconhecido por seus professores e colegas como aluno dedicado, atencioso e talentoso. Mergulhado, por força do destino, em um universo de leituras clássicas, o próprio Josué Montello confessou que desde muito cedo decidiu que iria dedicar-se às letras e que, com palavras e livros, faria o alicerce que sustentaria toda a sua carreira. E Isso foi feito.

Após beber nas fontes dos maiores nomes da literatura nacional e universal, Montello, aos 19 anos, durante breve passagem pelo Pará, publicou, em parceria com o amigo Nélio Reis, seu primeiro livro, intitulado *História dos Homens de Nossa História*. Mas quatro anos antes, mal completado o terceiro lustro de vida, viu seu nome pela primeira vez impresso em jornais como autor de um texto, ao publicar um artigo sobre Educação, a pedido de Antônio Lopes, seu professor de Literatura. Logo após a publicação de seu livro de estreia, o nome de Montello começou a ser divulgado nos círculos literários de várias cidades do Brasil.

Mudando-se para o Rio de Janeiro no final de 1936, o Jovem escritor começou a conviver com alguns dos mais respeitados nomes da intelectualidade nacional, exerceu diversos cargos públicos, colaborou com diversos periódicos e começou a construir uma sólida carreira de ficcionista e de ensaísta, foi premiado diversas vezes por instituições e acabou sendo eleito para a Academia Brasileira de Letras, instituição na qual posteriormente iria ocupar o cargo de presidente.

Extremamente atento a tudo o que ocorria no seu entorno e observador das muitas mudanças políticas, culturais e sociais, Montello resolveu registrar os principais acontecimentos do qual tomou parte em diários que depois foram publicados e que hoje se constituem em importantes documentos para pesquisadores interessados nos detalhes da história do Brasil que nem sempre foram comentados em jornais e/ou documentos oficiais. Nas milhares de anotações feitas por Montello é possível reconstituir parte do intrincado cenário político de diversas décadas.

Embora tenha escrito também crônicas, peças teatrais, poemas, obras infanto-juvenis, contos, novelas, ensaios, historiografia e crítica literária, são os romances de Josué Montello que são mais lembrados quando se trata de fazer um levantamento de suas obras mais significativas. Navegando por temáticas variadas, o escritor se notabilizou por construir narrativas que prendem o leitor em um emaranhado de peripécias muito bem articuladas e que tem seus múltiplos nós desatados no momento exato de levar o leitor a aproximar-se do clímax do

romance.

Poucos são os escritores brasileiros que demonstraram tanto domínio da técnica da narrativa longa quanto Josué Montello. Em seus livros, é possível visualizar as cenas descritas e também fazer um passeio literário pelas ruas e becos de uma de sua musa mais recorrente: a cidade de São Luís. Trabalhos como *Os Tambores de São Luís*, *Cais da Sagração*, *Os degraus do paraíso*, *Largo do Desterro*, *Uma*

sombra na parede e *Os degraus do paraíso* são exemplos bem acabados de como um escritor de talento é capaz de transformar o espaço narrativo em cúmplice da própria história que está sendo contada.

Embora menos comentados, os textos curtos de Montello também são extremamente bem construídos. Um bom exemplo disso são as novelas enfaixadas no volume intitulado *Um rosto de menina*, nas quais é possível identificar uma mescla da densidade do estilo Machado com a leveza da narrativa de um Humberto de Campos e acidez contundente de um Nelson Rodrigues. Em suas novelas e contos, Montello tenta mostrar tanto a superficialidade quanto o âmago das relações humanas, deixando claro que muitas vezes a verdade foge aos olhos e aos demais sentidos humanos, escondendo-se nas frestas de ações quase imperceptíveis. É o que ocorre em *O Monstro*, uma novela de altíssimo nível e que nada fica a dever aos grandes mestres da ficção mundial.

Côncio de sua importância para a cultura não apenas de seu Estado mas também para toda a literatura nacional, o próprio escritor tratou de deixar para os futuros estudiosos de sua obra algumas informações necessárias para os primeiros contatos com seus trabalhos artísticos. Basta

ler seu relato intitulado *Confissões de um Romancista*, que faz parte do primeiro volume de *Romances e Novelas*, publicado pela Editora Nova Aguilar, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, para que se tenha uma ideia do modus operandi desse escritor que fazia da palavra sua grande companheira de jornada.

No dia 15 de março de 2006, quando estava próximo a completar seu nonagésimo aniversário, Montello cumpriu sua missão na terra, mas deixou como herança para todos, mais de uma centena de livros sobre assuntos variados. Agora, no ano de seu centenário de nascimento, melhor presente que poderia ser dado a ele é pegar alguns desses livros e lê-los com a certeza de que essas páginas, com todas as suas nuances saíram da imaginação de uma das melhores mentes de nossa terra.

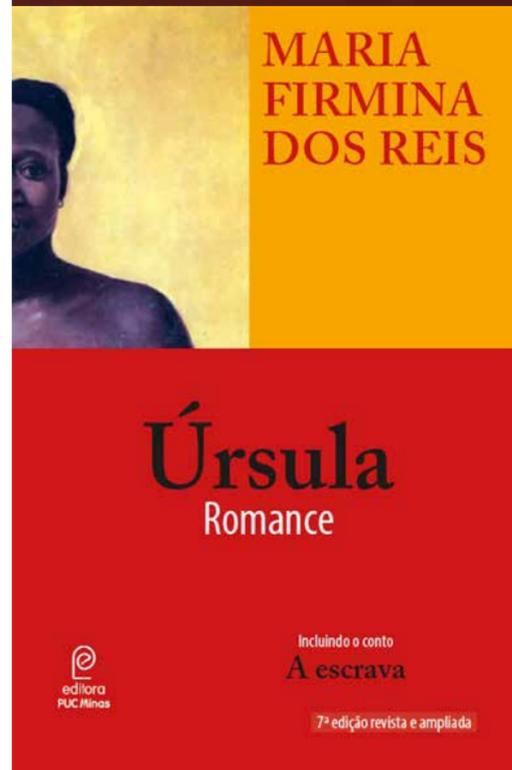
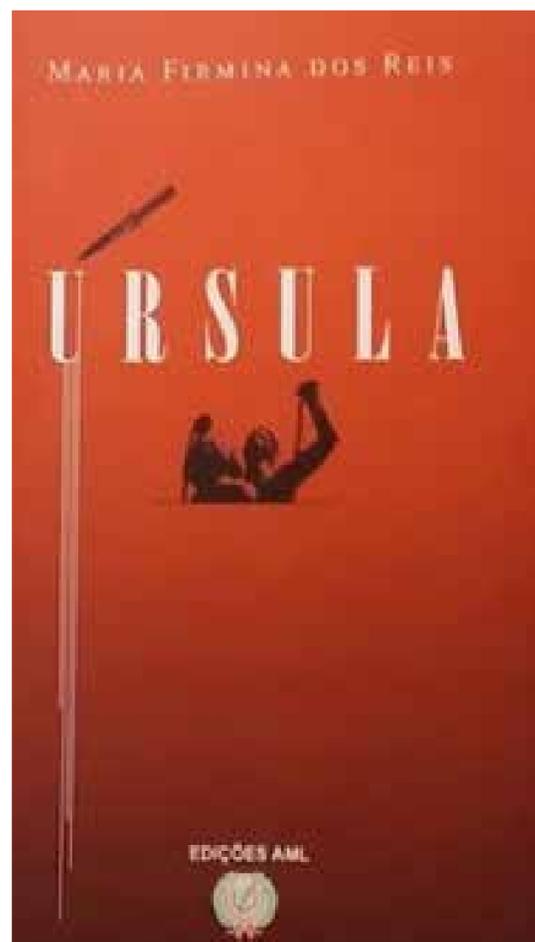
Artigo publicado no *Jornal do Maranhão*, nº 94 – agosto de 2017. p. 15.

Romances de Josué Montello

- 1 - Janelas fechadas (1941)
- 2 - A luz da estrela morta (1948)
- 3 - Labirinto de espelhos (1952)
- 4 - A décima noite (1959)
- 5 - Os degraus do paraíso (1965)
- 6 - Cais da Sagração (1971)
- 7 - Os tambores de São Luís (1975)
- 8 - Noite sobre Alcântara (1978)
- 9 - A coroa de areia (1979)
- 10 - O silêncio da confissão (1980)
- 11 - Largo do Desterro (1981)
- 12 - Aleluia (1982)
- 13 - Pedra Viva (1983)
- 14 - Uma varanda sobre o silêncio (1984)
- 15 - Perto da meia noite (1985)
- 16 - Antes que os pássaros acordem (1986)
- 17 - A última convidada (1988)
- 18 - Um beiral para os bentivis (1989)
- 19 - O camarote vazio (1990)
- 20 - O baile da despedida (1992)
- 21 - A viagem sem regresso (1993)
- 22 - Uma sombra na parede (1995)
- 23 - Enquanto o tempo não passa (1996)
- 24 - A mulher proibida (1996)
- 25 - Sempre serás lembrada (1999)
- 26 - A mais bela noiva de Vila Rica (2001)



Úrsula - Maria Firmina dos Reis (Parágrafos iniciais)



Duas almas generosas

São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma – branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frisadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos, que mudamente se afagam, e que depois desaparecem para de novo voltarem – os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito.

E a sua beleza é amena e doce, e o exíguo esquiife, que vai cortando as suas águas hibernais mansas e quedas, e o homem, que sem custo o guia, e que sente vaga sensação de melancólico enlevo, desprende com mavioso acento um canto de harmoniosa saudade, despertado pela grandeza dessas águas, que sulca.

E às águas, e a esses vastíssimos campos que o homem oferece seus cânticos de amor? Não por certo. Esses hinos, cujos acentos perdem-se no espaço, são como notas duma harpa eólia,

arrancadas pelo roçar da brisa ou como sussurrar da folhagem em mata espessa. Esses carmes de amor e de saudade o homem os oferece a Deus.

Depois, mudou-se já a estação; as chuvas desapareceram, e aquele mar, que viste, desapareceu com elas, voltou às nuvens formando as chuvas do seguinte inverno, e o leito, que outrora fora seu, transformou-se em verde e úmido tapete, matizado pelas brilhantes e lindas flores tropicais, cuja fragrância arrouba e só tem por apreciador algum desgarrado viajor, e por afago a brisa que vem conversar com elas no cair da tarde – à hora derradeira do seu triste viver.

E altivas erguem-se milhares de carnaubeiras, que balançadas pelo soprar do vento recurvam seus leques em brandas ondulações.

Expande-se-nos o coração quando calcamos sob os pés a erva reverdecida, onde gota a gota o orvalho chora no correr da noite esse choro algente, que se pendura da folhinha trêmula, como a lágrima de uma virgem sedutora, e que, arrancada do coração pelo primeiro gemer da saudade, se balança nos longos cílios. Depois vem a ardentia do sol, e bebe o pranto noturno, e murcha a flor, que enfeitiçava a relva, porque o astro que rege o dia reassumiu toda a sua soberania; mas ainda assim os campos são belos e majestosos!

POSSE NA AML

Dia 29 de agosto será a posse de Elsior Coutinho na cadeira 18 da Academia Maranhense de Letras

A noite de 29 de agosto de 2019 será mais um momento histórico para a Academia Maranhense de Letras. É nessa data que tomará posse o escritor Elsior Coutinho, recentemente eleito para a cadeira número 18, que foi fundada por Clodoaldo Freitas e teve como ocupantes Astolfo Serra e Manuel Lopes, sob o patronato do poeta Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade.

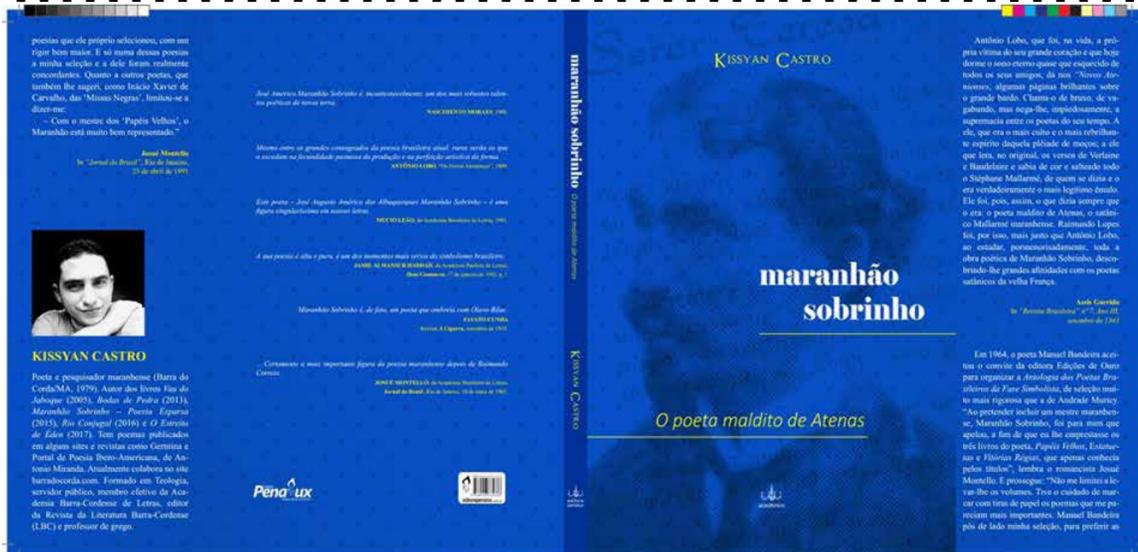
Temos a seguir uma breve síntese sobre a vida e a produção intelectual do novo acadêmico

ELSIOR DE SOUSA E SILVA COUTINHO é maranhense, natural da cidade de Coelho Neto (MA), técnico em contabilidade formado pela Escola Técnica de Comércio Centro Caixaerial, em 1970, romancista, articulista e cronista com grande atuação na imprensa local. O novo acadêmico é autor do romance *Águas e ventos da vida e da morte* (FUNC/SIOGE, 1981); dos contos *O golpe* (Jornal Pequeno, 1970), *A Mulher do Piolho e Beril Avexadim* (Jornal O Estado do Maranhão, 1991) e da coletânea de crônicas intitulada *O Polígamo e outras histórias* (Clara Editora, 2018), volume no qual estão enfeixados alguns de seus textos publicados em jornais ao longo de aproximadamente três décadas de colaboração nos seguintes órgãos da imprensa escrita: Jornal Pequeno, Jornal O Estado do Maranhão, Jornal O Imparcial e Folha do Maranhão. Elsior Coutinho é detentor dos seguintes títulos e honrarias: Cidadão de São Luís do Maranhão, Grande Oficial da Ordem dos Timbiras; Medalha Brigadeiro Falcão da Polícia Militar do Maranhão e Medalha do Centenário do Gabinete Militar.



Fonte da imagem: Internet

LANÇAMENTO



Depois de muitos anos de pesquisa e de consulta a inúmeros documentos, o professor, poeta e ativista cultural **Kissyan Castro**, membro da Academia Barro-cordense de Letras e um dos maiores conhecedores da vida e da obra do poeta simbolista Maranhão Sobrinho, finalmente concluiu seu livro **Maranhão Sobrinho: o poeta maldito de Atenas**. A obra será lançada no dia 08 de agosto de 2019, a partir das 17:30, na Casa de Cultura Huguenote Daniel de la Touche, na rua Djalma Dutra, 128 – Centro – São Luís do Maranhão.

O referido lançamento faz parte das comemorações pelo sexto aniversário da Academia Ludovicense de Letras e, na ocasião, haverá uma mesa-redonda sobre a vida e a obra de Maranhão Sobrinho.

CONCURSO LITERÁRIO

Ainda dá tempo de participar!!! A Livraria da Associação Maranhense de Escritores Independentes – AMEI, está promovendo o Concurso AMEI – Novos poetas maranhenses.

Veja aqui o regulamento

- § 2º – Cada poema não poderá exceder o limite de 3.500 caracteres com espaços;
- § 3º – Apenas poderá ser classificado um poema de cada participante.
- § 4º - Serão sumariamente eliminados os textos que desrespeitem aos direitos humanos e contenham discriminação e preconceitos étnicos, sexuais, religiosos ou político-partidários, injúrias e racismo.
- § 5º – As inscrições são gratuitas.
- § 6º – Ao se inscreverem, todos os candidatos aceitarão automaticamente todas as cláusulas e condições estabelecidas no presente regulamento.

Da seleção para a final

Art. 5º Os autores dos 40 melhores textos serão convidados a se fazerem presentes no evento de premiação que ocorrerá no Espaço Cultural da Livraria AMEI. De entre os 40 autores presentes, os 5 melhores textos serão divulgados e apresentados ao público, declamados pelos seus autores ou, caso prefiram, por um artista declamador, no dia 10 de agosto, na Livraria e Espaço Cultural AMEI no São Luís Shopping das 16h30 até às 18h30.

Da comissão julgadora

Art. 6º – A Comissão Julgadora, será composta por 03 (três) escritores membros da Diretoria Executiva da AMEI - Associação Maranhense de Escritores Independentes.

Parágrafo único – A Comissão Julgadora terá autonomia no julgamento, que será regido pelos princípios da originalidade e linguagem poética, riqueza de significação, ritmo, sonoridade e propriedade imagética, correção gramatical e domínio de linguagem.

Do resultado

Art. 7º – Os autores dos 40 melhores textos serão informados de sua seleção no dia 5 de agosto por e-mail. A lista com o nome dos 40 finalistas será colocada na página do concurso no site no dia 5 de agosto a partir das 18h. O resultado do Concurso será divulgado no dia 10 de agosto no evento que será realizado na Livraria e Espaço Cultural AMEI no São Luís Shopping das 16h00 às 18h00.

Da premiação

- Art. 8º -
 - O vencedor do concurso receberá um cheque no valor de R\$ 1.000,00;
 - O segundo classificado receberá um cheque no valor de R\$ 500,00;
 - Os cheques do valor dos dois primeiros prêmios serão entregues pelo Deputado Estadual Adriano Sarney proponente da Lei 10545/2016 que estipulou a comemoração do Dia Estadual da Poesia.

- Todos os quarenta selecionados para a final, desde que rubriquem a respectiva autorização de cessão de direito autorais para edição, terão seus textos editados pela AMEI numa coletânea com direito a lançamento no dia 31 de outubro das 18h às 22h, Dia Nacional da Poesia, num evento que ocorrerá no Espaço Cultural da Livraria AMEI onde, para além de poderem convidar familiares e amigos a adquirirem a obra e receberem seus autógrafa, cada autor, receberá das mãos do Presidente da AMEI um exemplar da coletânea contendo sua poesia e receberá ainda, com 30% de desconto, os exemplares que tenha solicitado adquirir para si (devendo confirmar sua solicitação com indicação de quantidade desejada até, ao mais tardar, dia 1 de outubro pelo e-mail amei.poesia@gmail.com).

Os autores que não estejam presentes no momento da leitura dos resultados, serão desclassificados.

Das disposições finais

- Art. 9º – Os casos omissos serão decididos pela Diretoria Executiva da AMEI / Organizadora do Concurso, não cabendo qualquer recurso.
- Art. 10º – Do julgamento apresentado pela Comissão Julgadora, quanto a qualidade dos poemas selecionados e do poema vencedor, não caberá qualquer recurso.

REGULAMENTO

Das inscrições

Art. 2º – Podem participar do Concurso, com texto em língua portuguesa, todos os maranhenses ou residentes no Maranhão, maiores de 16 anos.

§ 1º – Vetada a participação de membros da DIRETORIA da AMEI (Associação Maranhense de Escritores Independentes) e seus familiares.

§ 2º – Vetada a participação de membros da COMISSÃO JULGADORA e seus familiares.

Art. 3º – As inscrições podem ser feitas de dia 27 de junho até dia 1 de agosto de 2019.

Art. 4º – Cada participante pode inscrever-se com até 02 (dois) poemas de sua autoria. Os poemas devem ser inéditos, ou seja, poemas que ainda não foram publicados em livro, nem participaram de outros concursos.

§ 1º – Para se inscrever os participantes devem enviar um e-mail para identificando no corpo do e-mail o nome completo, endereço residencial completo, CPF, telefone, e-mail. Pode se inscrever até dois poemas por autor. Cada poema deve ser apresentado com seu respectivo título em um documento word separado (com tipografia Calibri, no tamanho 12) anexado ao e-mail enviado. **IMPORTANTE:** Os documentos em word com os poemas não podem conter identificação do autor, caso contrário serão desclassificados. Uma vez enviados, os textos não poderão sofrer erratas ou substituição.

Perfil Literário

SAMIRA FONSECA

Samira Diorama da Fonseca é uma jovem professora e escritora itapecuruense que vem produzindo uma literatura de qualidade em sua terra natal e que já começa a expandir seus horizontes para novas plagas. Dona de um estilo simples e que preza pela objetividade, a escritora é graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, com especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura e em Metodologias Inovadoras Aplicadas à Educação (ambas as especializações cursadas no Instituto Superior Franciscano – IESF).

Seus principais trabalhos são os livros *O mistério da Casa da Cultura* (2013), um romance policial no qual as personagens tentam solucionar

uma morte ocorrida na principal casa de cultura de Itapecuru; *Maria passa na frente* (2016) uma coletânea de pequenas peças de caráter religioso, mas também envolvendo mistérios e busca de verdades; e seu mais recente livro: *Crystal – uma história de sincretismo e encantaria* (2017), um romance que, como o subtítulo já indica, traz um olhar sincrético sobre mitos e tradições ancestrais, contundo com um olhar artístico contemporâneo.

Em seus textos, Samira Fonseca não pretende desafiar as pessoas a destrinçar giros sintáticos mirabolantes, mas sim conduzir seus leitores por um mundo em que a fantasia e a realidade se misturam com toques de mistério, ironia e bom humor.



Sugestão de Leitura

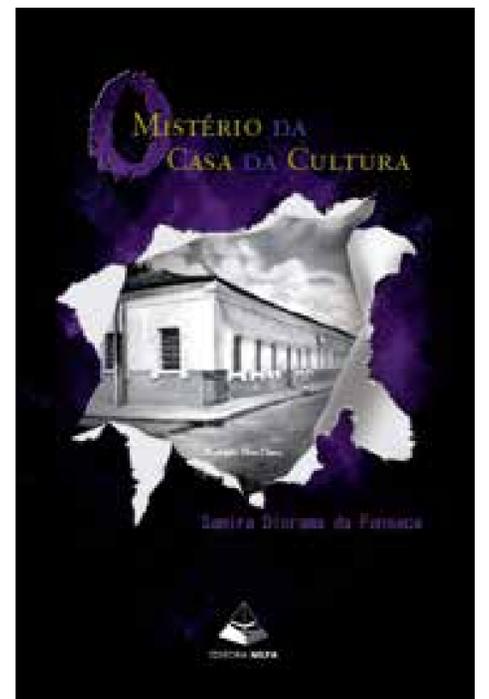
O Mistério da Casa de Cultura

Romances envolvendo mistérios e investigações policiais não são muito comuns na literatura maranhense, embora também não possam ser considerados novidades em uma terra que já contou com o talento de Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Viriato Correa e Josué Montello e que agora pode também saborear os textos de José Ewerthon Neto e Vinícius Bogéa.

Samira Diorama da Fonseca segue por essa linha de prosa ágil em que o leitor deve ter uma pista e ao mesmo tempo ficar preso à aventura em cada página. Tudo começa quando um corpo é encontrado na Casa de Cultura de

Itapecuru. O que poderia ser apenas mais caso a espantar aquela pacata população acaba se tornando o estopim de uma aventura narrada de forma viva e com diversas reviravoltas durante o texto. Vale a pena entrar em contato com esse mistério que pode ser compartilhado com leitores de todas as idades.

Título: O Mistério da Casa de Cultura de Itapecuru
Autora: Samira Diorama da Fonseca
Editora: Nelpa
Ano: 2013
162 páginas



Vivemos em um mundo consumista. E quando se fala em consumo, imaginamos logo compras em shoppings, nos supermercados, nas livrarias, mas nunca em teatros ou em espetáculos. Por quê? A desculpa para alguns é a distância, para outros os preços ou mesmo a falta de interesse. Muitos lamentam a falta de grandes nomes nas peças. Como se, para que o espetáculo seja bom (não importando o preço), devesse haver a presença de alguma estrela de renome nacional.

No Maranhão esses grandes nomes estão por aí, a esmo, ao ar livre ou nos pequenos e grandes teatros. Como disse o ator Urias de Oliveira para viver de arte no Brasil, é preciso ser muito “artista”.

Um dos grandes nomes nas artes de nossa cidade é esse mineiro, ludovicense de coração, que chegou aqui para “ficar apenas três dias”, permanecendo até hoje. Apaixonado pelo cenário de encantaria que se descortinava aos seus olhos, Urias de Oliveira Filho decidiu radicar-se em São Luís para, a partir da Ilha, mostrar ao mundo sua arte, em uma longa caminhada que já completou 40 anos de teatro. Foi através da arte que esse ator, performer e diretor teatral nos presenteou com peças magistrais, como *A Solidão de Dom Quixote*, espetáculo que instiga o público a pensar no cotidiano, na solidão, dando margens a reflexões sobre a própria vida.

Outra estrela de grandeza é Domingos Tourinho, uma das vozes mais significativas do teatro no Maranhão. Ator, diretor, produtor cultural e professor de Artes Cênicas, nascido em São Luís e que influência de sua mãe, que sempre “fazia comédias na Fábrica do Rio Anil e eu gostava de representá-la”, conforme ele mesmo comenta. Eis um caso claro em que a arte escolheu o artista, e não o contrário.

O artista montou seu primeiro espetáculo, na década 1970, *O Caso dos Pirlampos*, com texto de



Maria Clara Machado, pelo CEMA (Centro de Ensino do Maranhão). Nessa época, havia os festivais de teatro, que serviam para revelar talentos e mostrar ao público novos atores e diretores. O Espetáculo foi premiado em pleno Teatro Arthur Azevedo. Anos depois, Tourinho entrou para o LABORARTE - Laboratório de Expressões Artísticas, ficando na instituição por mais de um ano. Sobre a arte de representar, ele diz que o teatro sempre o ajudou a adquirir conhecimento técnico e teórico, afirmando ainda “que não há nenhum progresso, se não for através do estudo, de cursos que possibilitem o aperfeiçoamento”.

Outro nome a ser lembrado é o de Júlia Emília, bailarina, atriz, coreógrafa e escritora. Essa artista maranhense usa a dança como forma de consciência corporal e ferramenta para inclusão social, levando um mundo encantado a adultos e crianças com Jujá Carrapeta, personagem que conta histórias sobre a cultura popular maranhense. Ademais do teatro e da dança, Júlia Emília também é escritora. Publicou “*O Baile das Lavadeiras*” (2006), e “*Vivendo Teatrodança*”, livro no qual retrata a dança através de ensaio composto de textos dramaturgicos, processos fundamentados e fotos de investigações, mergulhando na arte popular da dança contemporânea.

Completando este passeio, chegamos a Uimar Júnior, ator e performer que leva sua arte ao extremo, mostrando à sociedade as mazelas da comunidade. Uimar faz uma ponte entre o real e o imaginário, usando seus personagens para protestar, instigar e compartilhar suas angústias. E é com esse olhar

questionador que ele busca solucionar tais problemas. O ator empresta seu corpo para um propósito: tentar trazer de volta às praças seus respectivos monumentos, mostrando à sociedade uma problemática corriqueira que assolou nossa cidade.

Não podemos esquecer também de nossas produções que estão crescendo e encantando o público com belos espetáculos. E como estamos no período de férias, temos bons espetáculos pela cidade, com produções e direções, locais de grandes talentos, como é o caso de Marcos Dominici da Companhia Teatro Improviso, com o espetáculo “*Amor com amor se paga*” e a releitura do clássico “*O Mágico de Oz*”, Renata Figueiredo, Gisele Vasconcelos e Rosa Ewerthon, do Xama Teatro, com “*As Três Fiandeiras*” e ainda a Companhia Vertu Casa de Artes com o musical “*Mamma Mia!*”, além de diversas pequenas salas de teatro que começam a surgir nos shoppings de São Luís, servindo como opção para quem admira a milenar arte da interpretação.

Todas essas estrelas estão por aí, em ruas, praças e teatros, brilhando e encantando a todos com sua arte. Algumas vezes, nem precisamos pagar ingressos, pois eles estão ar livre, na pele de Édipo Rei, Jujá Carrapeta, de Dom Quixote, da Mãe D’água, figuras, que nos contam histórias que nos fazem ter uma certeza: existe teatro no Maranhão



Artigo de LINDA BARROS - professora, escritora, atriz e autora da coluna Maranhenses, do Jornal do Maranhão. Este artigo foi publicado originalmente no Jornal Pequeno.

